

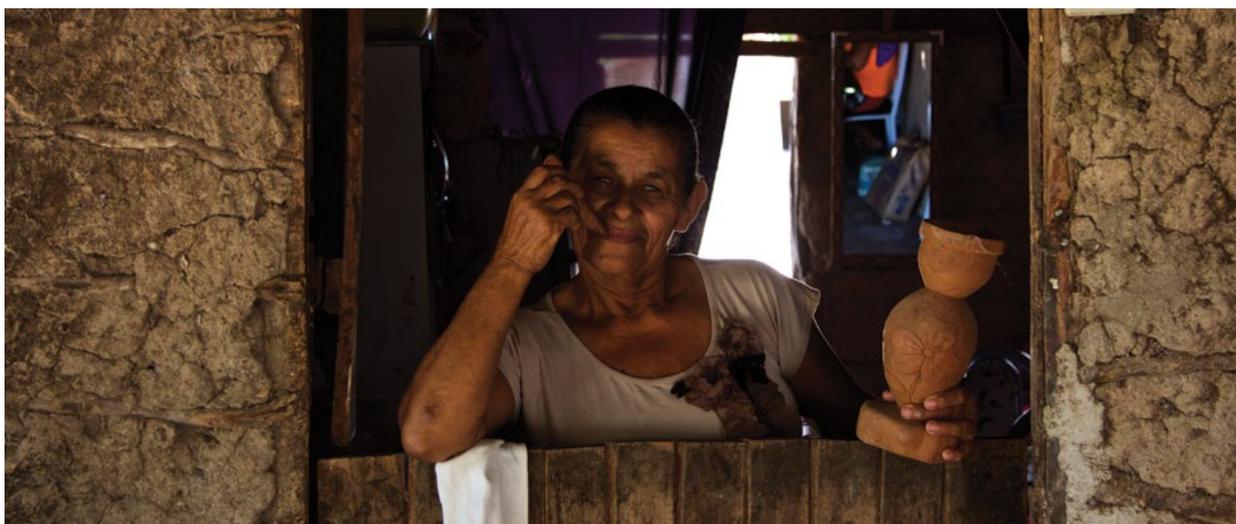






Dona Maria

Maria Antônia da Silva



por Eliane Vieira da Silva

Maria Antônia da Silva nasceu no dia 03 de janeiro de 1954, filha de Manoel Joaquim de Souza e Antônia Maria de Jesus é natural da aldeia Geripancó, no estado de Alagoas. O povo Geripancó e o povo Pankaiwká são pontas de rama do povo Pankararu, ou seja, somos todos parentes e nossa origem é o tronco velho Pankararu.

Ela é uma mulher consciente de seus deveres na tradição indígena e desde criança aprendeu com seus pais e avós a importância da luta pelo seu povo e nunca se negou diante dos obstáculos que surgiram na trajetória de resistência dos povos indígenas. Dona Maria Antônia morou entre seu povo Geripancó até os 35 anos de idade, portanto sua infância e juventude foram vividas por lá. Atualmente reside na aldeia

Pankaiwká desde o período da retomada do território (fazenda Cristo Rei), no início deste século.

As suas narrativas sobre a resistência indígena no Nordeste trazem informações do seu povo Geripancó que vive em Alagoas e isso tem grande importância para nós, pois conhecer as trajetórias das pontas de rama é uma forma de manter o povo relacionado, sem se perder. Dona Maria conta que houve um período de muita dificuldade em Geripancó, a terra não estava demarcada, o povo não tinha as condições para garantir sua sobrevivência e sofria principalmente com a falta d'água.

Sem acesso a água, ela e sua família foram forçados a iniciar mais uma migração, e mudaram-se para um povoado na região conhecida por Volta do Moxotó, em Pernambuco, município de Jatobá. Este lugar é bem próximo ao território de origem, o Brejo dos

Padres, é um lugar que tem água, pois é beira do Rio Moxotó. Ao chegar, adaptou-se logo, e ali se estabeleceram para terminar de criar os filhos.

A escolha deste lugar não foi aleatória, ou apenas por causa do rio, conta Dona Maria que na Volta do Moxotó tinha um local chamado “Alto do Zé Onça” onde os índios se encontravam para fazer o ritual tradicional. Neste lugar também moravam algumas famílias indígenas, então teve início a união diante da necessidade de terras para trabalhar, viver e fazer os rituais sem ameaça dos não-índios. Assim começam as lutas pelo território e as conquistas do povo Pankaiwká.

Foi neste período de luta pela terra que Dona Maria começou a se destacar no povo, quando se uniu aos seus parentes no processo de retomada de um território vizinho ao povoado da Volta do Moxotó. Segundo conta, aquelas famílias indígenas da Volta do Moxotó se reuniram e com seus filhos vieram à luta. Naquele momento as dificuldades surgiram, aproximadamente 100 famílias se abrigaram na “fazenda Cristo Rei” no início da luta pelo território. As pessoas vieram sem nada e dentro da fazenda existiam três casas que eram usadas para guardar materiais de irrigação. Então, muitas daquelas famílias se abrigaram dentro de um salão, dormiam todos juntos, crianças, adultos e alguns idosos, mas a maioria das famílias tiveram que dormir debaixo de árvores na beira do rio. Algumas faziam suas barracas com saco de náilon, mas não escapavam dos insetos. Dona Maria presenciou todos os momentos difíceis do povo que hoje é o povo Pankaiwká.



